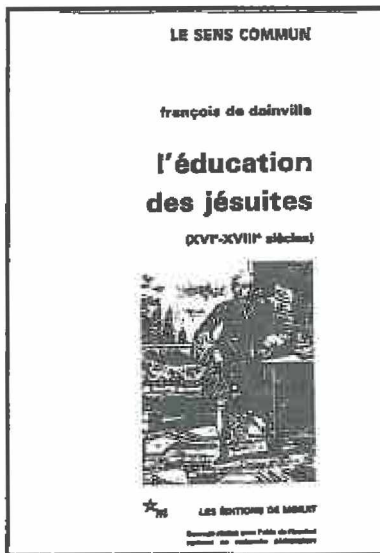
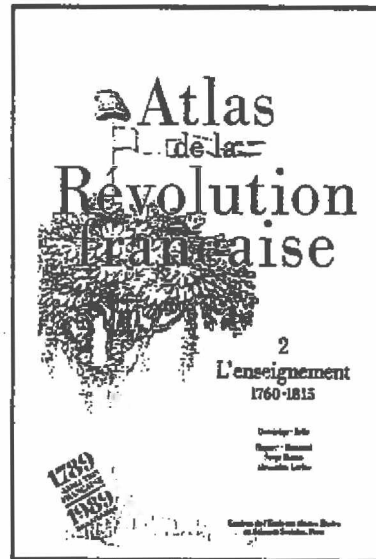


notas de leitura



CARTOGRAFAR
A
EDUCAÇÃO
DE
SÉCULOS
PASSADOS



JOÃO LUÍS LISBOA*

O que identifica estes dois livros, para além do interesse pela história da educação em França? O primeiro apresenta uma série de artigos (inicialmente publicados entre 1947 e 1968) do Padre François de Dainville, recolhidos em livro por Marie-Madeleine Compère há mais de dez anos e agora reeditado. O segundo é produto de um trabalho de equipa que beneficiou das comemorações do bicentenário da Revolução.

Ambos têm o seu principal trunfo na apresentação de gráficos e mapas que respondem a muitas interrogações sobre a prática educativa do passado. Habitualmente, nas ciências da educação, quantidade e qualidade aparecem como alternativa entre o estudo do presente e o do passado. Enquanto as monografias dedicadas a realidades presentes (ou recentes) se apoiam sobretudo em estudos estatísticos que se podem construir graficamente, o conhecimento do passado está quase sempre preso a concepções e propostas

que só se poderiam apresentar qualitativamente. A dois universos estanques corresponderiam formas de abordagem e metodologias claramente distintas. A história da educação raramente ultrapassa o âmbito de uma história da pedagogia ou de uma história da filosofia da educação. Já o presente aparece como que dominado pela análise social do processo educativo. O peso da "prova" estaria, num caso, no aparato das citações e, no outro caso, no aparato quantitativista.

Esta oposição é caricatural e não corresponde a fronteiras operatórias. Mas é verdade que a história da educação, como aliás outros domínios da história intelectual, tem sido feita predominantemente em incompatibilidade com qualquer aventura quantitativa ou de análise social, tanto pela natureza das fontes de que se serve (apresentação de ideias), como pela irregularidade dos dados, enveredando-se hoje predominantemente pelo estudo de casos.

* Docente na Universidade Nova de Lisboa

notas de leitura

Os livros de Dainville e de Julia aí estão para provar a necessidade de submeter os materiais (sejam as ideias) a tratamentos diferenciados.

O trabalho coordenado por Julia, e realizado por duas equipas (uma de pesquisa histórica e outra do laboratório gráfico da École des Hautes Études en Sciences Sociales), fez-se expressamente de costas voltadas para a história das intenções (dos projectos, das utopias). Pelo contrário, procurou fazer um levantamento gráfico do que era a realidade do ensino (e das suas instituições) em França, entre meados do século XVIII e começos do XIX. É, assim, compreensível que tenham sido as linhas de permanência a evidenciar-se, em desfavor das rupturas claras das ideias.

São quatro as partes em que o Atlas se divide: 1 - alfabetização e escolaridade elementar; 2 - ensino público, colégios, escolas centrais e liceus (1762-1812); 3 - pensionatos (1740-1815); 4 - escolas técnicas e universidades.

À excepção do primeiro capítulo, os inquéritos partem predominantemente da realidade institucional. Não é o funcionamento dos estabelecimentos que se descreve, mas aproveitam-se os mananciais de informação sobre as frequências que neles se conservam (número de inscritos, as suas idades e origens geográficas, cursos fornecidos). No primeiro capítulo, a par dos números da escolaridade, o dado mais importante é o dos níveis da alfabetização, obtido através do levantamento das assinaturas dos registos de casamento. Trata-se de um procedimento discutível, usado como índice pela pesquisa histórica há cerca de vinte anos na tentativa de definição dos universos de expansão do livro e da leitura. Os problemas postos têm a ver com a não correspondência necessária entre o número de casais que fazem a sua assinatura no acto de casamento e o número de alfabetizados reais ou funcionais. Este novo recurso a esse tipo de dados mostra que, apesar das discussões, continua a fazer algum sentido o seu estudo, sobretudo

em termos comparativos. Ou seja, há ordens de grandeza a considerar, ordens essas representadas pela capacidade de se escrever o nome, e que se podem relacionar ao longo do tempo, considerando a sua localização social, espacial e por sexo.

O eclodir da Revolução, as suas consequências sociais e a efectivação (ou não) dos seus propósitos estiveram sob a atenção dos autores. Interessava saber até que ponto se sentiu no ensino o impacto e a eficácia das inovações da Revolução. E para tanto, interessava também olhar para toda a situação que vem desde a autêntica revolução educativa necessária com a expulsão dos jesuítas cerca de três décadas antes (como aconteceu em Portugal). A relação entre a situação do ensino e a história social e política é uma constante. Mas outras correlações percorrem as páginas deste Atlas. Entre os dados que se cruzam estão, como disse atrás, os níveis de alfabetização e a estrutura social, económica e sexo da população, por regiões. Aqui sobressai a diferença entre a situação do Centro, Sul e do Oeste, menos escolarizados, e a do Norte e Noroeste, com níveis de alfabetização nitidamente mais altos, uma linha imaginária que, não só dividiria a França, mas também a Europa, entre o Norte desenvolvido e o Sul atrasado. Cruzam-se também as estruturas sociais e etárias e os números das frequências dos cursos (nas escolas centrais e nos pensionatos, níveis intermédios onde estes dados podem fazer sentido). Cruza-se ainda o número e proveniência dos alunos das Universidades.

Algumas conclusões são óbvias, mas é de notar a evolução dos valores de correspondência entre os vários níveis sociais, a distribuição da habitação dentro das cidades e a escolaridade ou, também, a forma como as mulheres passam do quase total analfabetismo no final do século XVII para uma situação que, embora estatisticamente diminuta, revela uma forte alteração nos comportamentos. Nesse sentido, pode até ser mais significativa a

notas de leitura

transformação verificada a nível das mulheres do que o crescimento quantitativamente mais acentuado da alfabetização masculina.

Outro aspecto a salientar é o da queda de um modelo de educação, os pensionatos, e a criação, evolução e papel das escolas centrais, agente maior da transformação educativa trazida pela revolução a partir do ano III (1795). Esta transformação foi importante tanto no que diz respeito à construção de uma rede nacional de ensino, contrariando assimetrias regionais e sociais, como pelo tipo de matérias que ganharam relevo na formação das crianças a partir dos 6/7 anos, com as aulas de desenho e matemática em destaque nos primeiros anos de escolaridade. Não é possível encarar o tipo de desenvolvimento que o ensino politécnico e universitário conheceu durante o império, nomeadamente nos estudos de engenharia, sem ter em conta as mudanças verificadas nos primeiros níveis de escolaridade nos vinte anos anteriores.

A recolha de trabalhos de François Dainville, padre jesuíta falecido em 1971, abarca um âmbito cronológico anterior e mais vasto (duzentos anos que vão de meados do século XVI a meados do XVIII). Ocupa-se, por outro lado, de domínios mais especializados, incidindo o essencial da sua atenção sobre o papel das escolas jesuítas na evolução do ensino secundário em França. Para se compreender a relação entre este livro e o Atlas de que atrás se falou, basta dizer que Dainville é o precursor da utilização do número passado a desenho na história da educação francesa, tendo escrito o seu primeiro estudo neste âmbito em 1937 (*Les chiffres vous parlent. Géographie et statistique*, Paris, 1937), caminho confirmado pelo seu doutoramento de Estado (*La géographie des humanistes*, Paris, 1940). A tradição francesa, de que Daniel Mornet é uma expressão emblemática com os seus inquéritos estatísticos sobre a cultura francesa do século XVIII publicados desde o início do século, teve em

Dainville um continuador. Por outro lado, o número era apenas a expressão da forma como o espaço se organizava, e obrigava ao estudo de densidade e de formas de densidade e de formas de circulação de homens, objectos ou ideias. O historiador era também um geógrafo, na esteira de Vidal de la Blanche. Foi com Dainville que a história da educação se uniu à cartografia histórica. O trabalho dirigido por Julia não é, assim, uma inovação, mas o explorar de um campo já aberto.

Os estudos agora reeditados podem ser divididos em três grandes grupos: O primeiro capítulo agrupa os artigos onde se faz a análise quantitativa e sociológica da composição dos antigos colégios jesuítas mostrando-se os seus mecanismos de funcionamento e a influência que tiveram desde a sua criação. Um segundo grupo seria formado pelos capítulos 2 a 4, dedicados aos conteúdos do ensino e à comparação entre as normas e a prática, confrontando manuais, cadernos de alunos, listas de materiais escolares. Finalmente, um último grupo, contém os artigos que tratam da educação através do jogo e da expressão corporal e dramática.

A importância do aparelho jesuíta de ensino por toda a Europa é conhecida. Para o caso francês, uma das conclusões que Dainville pretende dar como provada pelo seu estudo é que, ao contrário do que Durkheim afirmara em *L'Education pédagogique en France* (Paris, 1938), os colégios jesuítas não estavam reservados à nobreza e às classes dirigentes sendo, pelo contrário, um corpo aberto e com ligações a todo o tecido social. Claro que, como refere Marie-Madeleine Compère na sua introdução, esta sociologia histórica da educação peca por ser estática uma vez que o inquérito se limita a dados sobre os estudantes aquando da sua entrada nos colégios, sem ter em conta a selecção escolar, sendo possivelmente muito diversa a imagem obtida no final dos cursos. Mas as possíveis preocupações ideológicas subjacentes ao inquérito acabam minorizadas dado que,

notas de leitura

Independentemente das motivações e dos princípios do sistema, a verdade é que do levantamento feito resulta provada uma imagem do grande poder cultural exercido efectivamente pela Companhia de Jesus até à sua expulsão. Tal poder, se já era indiscutível, ganha no primeiro capítulo uma imagem gráfica e dá-se a compreender o seu papel de suporte do sistema educativo e a sua influência social e política.

Trata-se de um papel que vale desde logo pelo seu peso quantitativo e pelo espaço que envolve. Ao mesmo tempo, há a preocupação de mostrar a acção educativa dos jesuítas, não como a mera aplicação de um dogma cristalizado desde o seu início, mas como uma realidade que também evoluiu e que nos proporciona uma imagem mais viva e mais complexa da realidade política e cultural europeia. De novo estamos perante um trabalho que se preocupa em ultrapassar a história dos progra-

mas e das intenções, mostrando mais interesse pelo que teria sido a prática educativa, neste caso já não tão dependente da análise gráfica, e mais de um paciente esforço erudito.

Na altura da sua morte, em 1971, Dainville desenvolvia um estudo sobre os colégios no tempo da Revolução. Desse estudo pouco mais ficou do que a comunicação a um congresso. Em parte, o Atlas de Julia é, de forma sintética, o que Dainville preparava numa perspectiva mais erudita. E em que sentidos pode continuar este trabalho? Sabemos que está em preparação um Atlas dos colégios anteriores à revolução em França. Estão juntos nesse projecto Dominique Julia e Marie-Madeleine Compère. De certa forma é o esperado aprofundamento das pesquisas levadas a cabo por François de Dainville. Resta estar atento.

CASA

TENIBOOL

ARTIGOS DE DESPORTO



Rua Dr. Afonso Costa Nº 41
(Antiga Rua dos Mercadores)
7800 BEJA

**OUÇA DIARIAMENTE
DAS 6 às 2 da MANHÃ**

FM - 104.5 Mhz



**Rua da Misericórdia, 4 - Telef. 26477
7 800 BEJA**